

## A ESPIRITUALIDADE COMO ELEMENTO INCLUSIVO: A BUSCA DE UM ESTADO MAIS CONSCIENTE

Carlos Roberto Sabbi<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho foi no sentido de se avaliar se este elemento – espiritualidade –, representa um componente condutor para a emancipação tendo como justificativa o cerne da pesquisa que foi o da busca de um estado mais consciente, situada na tese de doutoramento deste autor. Portanto, através da metodologia da hermenêutica reconstrutiva a investigação seguiu esses passos, passando por importantes autores que fundamentaram o trabalho. O que se constatou é que mesmo tradicionalmente se tratando de um tema mais afeto à religiosidade do que à ciência, ele tem um significado e um papel importante na constituição do sujeito ao moldar, situar e ligar o metafísico com o transcendental. Concluiu-se que se trata de um dos elementos primordiais na composição estrutural e cognitiva, sendo imprescindível para a estruturação e inclusão do cidadão como elemento dotado de uma razoável autonomia no contexto em que vive.

**Palavras-chave:** Autonomia, Cidadania, Consciência, Espiritualidade, Inclusão.

### INTRODUÇÃO

*“Quem olha para fora sonha; quem olha para dentro desperta.”*

**Carl Jung**

De início, parece importante trazer uma breve contextualização sobre o tema que passar-se-á a pesquisar e analisar – espiritualidade – a partir deste momento, porque este é um assunto pouco comum dentro da academia, ao menos desprovido daqueles momentos em que é associado a religiosidade. Em síntese, não é contumaz a espiritualidade ser tratada cientificamente, porém, ao menos a Filosofia não a descarta. O que esta pesquisa pretende é

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração de Empresas (UCS). Especialista em Gestão de Pessoas (UCS). Especialista em Formação Holística de Base (UNIPAZ). Aperfeiçoamento em Consultoria Empresarial (UnB). Aperfeiçoamento em Gestão Pública (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidad Autónoma de Madrid (UAM). [crsabbi@gmail.com](mailto:crsabbi@gmail.com)

ficar rigorosamente dentro desses limites, no sentido de trazer ao cenário este importante vetor de humanização.

O objetivo é no sentido de se avaliar se este elemento – espiritualidade – de fato, representa um elemento condutor para a emancipação e a justificativa está no cerne da pesquisa que é o da busca de um estado mais consciente, situada na tese de doutoramento deste autor.<sup>2</sup> Portanto, através da metodologia da hermenêutica reconstrutiva a investigação seguiu esses passos e, tendo constatado sua significância, é o objetivo de sua narração neste artigo.

O que é realmente a espiritualidade? Para que serve? Qual o sentido de cientificidade se pode aplicar, se é que pode, à espiritualidade? Não seria mais uma das dispersões lógicas pensar na espiritualidade? Enfim, de todos os elementos que estão sendo analisados nesta pesquisa, possivelmente a espiritualidade seja o mais controverso, talvez porque seja inadequadamente misturada com religião. O próprio dicionário da Apple no Mac a define como sendo uma “característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística; religiosidade, misticismo.”

Abbagnano (2007, p. 27) define a alma como sendo “o princípio da vida, da sensibilidade e das atividades espirituais (como quer que sejam entendidas e classificadas), enquanto constitui uma entidade em si, ou substância”.

A partir desse quadro inicial, veremos o que a pesquisa encontrou sobre o tema, com suas devidas fundamentações, para embasar a investigação que se seguiu.

## **METODOLOGIA<sup>3</sup>**

O método utilizado neste trabalho foi o da hermenêutica reconstrutiva, para aprofundar, em particular, os estudos que tratam da busca de um estado mais consciente, o qual compôs a investigação da tese de doutoramento deste mesmo autor. A propósito, sobre metodologia, Trevisan e Deveschi citam que

(...) se, em Kant, os conhecimentos deviam passar pelo crivo da crítica da razão pura, para Habermas trata-se de buscar sua validação pelo exercício da crítica da razão prática, isto é, de uma razão comprometida com o exercício hermenêutico do diálogo, não como opção metodológica exclusivamente, ou

<sup>2</sup> Tese de doutoramento deste autor, a qual contou com o apoio da CAPES para a pesquisa no Brasil e na Espanha. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5970>>. Acesso em 28 out. 2020.

<sup>3</sup> Em virtude de o texto ser originário da mesma pesquisa – tese de doutoramento deste autor – a metodologia é a mesma constante de outro artigo apresentado ao CINTEDI com o título “A virtude como elemento inclusivo: a busca de um estado mais consciente”.

seja, como mais um método posto à disposição dos educadores, mas como polo do entendimento possível. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 423).

Particularmente sobre a hermenêutica reconstrutiva Trevisan e Devechi trazem uma explicação pontual, invocando Habermas e Honneth:

A hermenêutica reconstrutiva busca ir além dos propósitos da hermenêutica tradicional, porque busca não só compreender, mas validar as ações linguísticas diante do mundo comum a todos. Ainda segundo Habermas (idem, p. 94), “compreender uma manifestação simbólica significa saber sob que condições sua pretensão de validade poderia ser aceita”. É nesse caminho que segue também a reflexão de Honneth, na medida em que tenta retomar as contribuições da teoria do reconhecimento, de Hegel, no contexto de predomínio do pensamento científico. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 154-155).

Assim, é possível observar e concluir, através das palavras dos autores, que a proposta de uma hermenêutica-reconstrutiva tem a intenção de ir além da hermenêutica tradicional, além de procurar o entendimento, apresenta-se para edificar uma validação das ações linguísticas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aristóteles, em sua obra “Sobre a alma”, abordando a questão da alma como objeto de investigação, tratou-a da seguinte forma:

Partindo do princípio de que o saber é uma das coisas belas e estimáveis, e que alguns saberes são superiores a outros quer pelo seu rigor, quer por tratarem de objectos mais nobres e admiráveis, por estes dois motivos poderemos com boa razão colocar a investigação sobre a alma entre os mais importantes. Ora o conhecimento sobre a alma parece contribuir também largamente para o da verdade no seu todo, e em especial para o da natureza, pois a alma é, por assim dizer, o princípio dos animais. (ARISTÓTELES, 2010, p. 31).

O filósofo categoriza o assunto como um dos mais nobres e admiráveis, o que dá uma perspectiva de como ele valorizava esse assunto. Além disso, nessa sua obra, ele desenvolveu uma ampla pesquisa, buscando em outros filósofos suas opiniões a respeito do que cada um entendia ser esse fascinante elemento.

E, se referindo a alma e movimento, disse:

A alma é, acima de tudo e em primeiro lugar, afirmam alguns, aquilo que move. Pensando estes, então, que o que não se move não é capaz de mover outra coisa, supuseram que a alma é um dos seres que se movem. Por isso Demócrito disse que a alma é uma espécie de fogo e que é uma coisa quente. (ARISTÓTELES, 2010, p. 36).

Como se percebe, Aristóteles começa a pesquisa nos fundamentos mais elementares sobre o tema e, já no princípio, encontra essas duas definições, em que uma aponta para o movimento e a outra, através de Demócrito, que se trata de algo quente, semelhante ao fogo. Já na página seguinte, Aristóteles (2010, p. 37), define que “a doutrina dos Pitagóricos parece apresentar o mesmo raciocínio: a alma é as poeiras que estão no ar, segundo uns, ou é, julgaram outros, o que as move”. O filósofo conclui que “afirmaram isto a respeito daquelas poeiras porque parecem mover-se continuamente, mesmo quando não há qualquer movimento do ar.” Dessa forma, o filósofo inicia a montagem da sua proposta de se aprofundar no tema, na tentativa de decifrar o “quebra-cabeça”.

Em Aristóteles (2010, p. 37-38), ele se refere a Anaxágoras, que por vez sua entende que “de modo semelhante, diz ser a alma que move, ele e ainda todos os que disseram que o entendimento pôs o universo em movimento”. Observa, porém que não é exatamente esta a perspectiva de Demócrito, já que ele disse: “que a alma e o entendimento são o mesmo, – tal como são o mesmo – o que é verdadeiro e aquilo que aparece.” Com base nesses depoimentos, Aristóteles conclui:

Por isso, – na sua opinião –, correctamente cantou Homero que ‘Heitor jaz de sentidos perdidos’. Ele não emprega ‘entendimento’ como uma faculdade relativa à verdade; antes diz que alma e entendimento são o mesmo. Anaxágoras, por sua vez, é menos claro a este respeito. Em vários locais afirma ele que a causa do belo e da ordem é o entendimento, enquanto em outros passos diz que ele é a alma – por exemplo, quando diz que existe em todos os animais, pequenos e grandes, nobres e menos nobres. O entendimento, todavia, tido por sensatez, não parece pertencer de um modo semelhante a todos os animais, nem sequer a todos os homens. (ARISTÓTELES, 2010, p. 37-38).

Pelo enunciado de Demócrito, constata-se que é sempre mais incisivo e categórico em suas definições, talvez revelando um modo de se expressar, mas por outro, não deixa dúvidas de suas convicções. Anaxágoras se apresenta mais comedido, mas ao declarar que entende que a alma se faz presente em qualquer animal, demonstra também, uma humildade não tão comum em seres humanos, pois, quando se faz esse tipo de comparação com os animais, as pessoas tendem a se ofender.

Aristóteles (2010, p. 38) conta que Empédocles disse que a alma é híbrida, formada por todos os elementos, sendo que cada um deles é alma, ao determinar que: “vemos, pois, a terra pela terra, e pela água a água, pelo ar o divino ar; já pelo fogo, o fogo destruidor, e pelo amor o amor, e ainda o ódio pelo triste ódio. Ao considerar essas afirmações de Empédocles, retomase o ponto que talvez nunca o ser humano tomará conhecimento, que é entender o porquê a vida tem essa conotação, inserindo-se aí o sofrimento humano.

Se o ser humano sobreviver a ele próprio, conseguir não destruir a Terra, mesmo assim, daqui 1,5 bilhão de anos não existirá mais vida no planeta.<sup>4</sup> Seria tempo suficiente para as pesquisas avançarem a tal ponto de encontrar os fatos e a realidade para compreender todo o complexo da vida, do universo e alcançar a plena consciência do todo? Por outro lado, terá esse ser humano condições cognitivas para elaborar um conhecimento de tal grandeza, mesmo que demorasse 1 bilhão de anos? A biologia que envolve o cérebro e mente comportaria tal façanha ou isso só depende do espírito – ou alma? Enfim, as perguntas iriam se multiplicando na medida que se focasse essa perspectiva sob os mais diversos ângulos, vertentes ou sentidos.

Aristóteles (2010, p. 38) se refere a Platão, o qual constrói do mesmo modo, quando na obra “Timeu” diz que a alma é elaborada a partir dos elementos: “o semelhante é conhecido pelo semelhante, afirma ele, e as coisas são compostas dos princípios”. Já Ross, diz Aristóteles, entende que “a alma se refere a um seu diálogo Sobre a Filosofia”. O entendimento do reconhecimento dos semelhantes e de que as coisas são compostas por princípios revela uma lógica dedução, pois o que poderia ser mais óbvio do que a existência de princípios, presentes em todos os cantos da vida?

Aristóteles (2010, p. 38-39) diz que considera não ser seguro que este tratado seja aquele a que alma alude. “Esta perspectiva foi ainda apresentada de outro modo: o entendimento é o Uno, ao passo que a ciência é a Díade (pois avança numa direção única até uma coisa)”. (Observa, ainda, que “os números são, com efeito, as próprias formas e os princípios, e que derivam dos elementos” (ARISTÓTELES, 2010, p. 38-39). Portanto, tem-se nessa afirmativa uma junção da matemática com a espiritualidade, o que é uma colocação muito interessante do autor. Ele diz ainda, complementando: “e ainda que certas coisas são apreendidas pelo entendimento, outras pela ciência, outras pela opinião e ainda outras pela percepção sensorial; e estes números são as formas das coisas (ARISTÓTELES, 2010, p. 38-39).”

Aristóteles (2010, p. 40) analisa que foi Demócrito quem exprimiu com maior profundidade o que motiva cada uma destas características: “a alma e o entendimento são o

---

<sup>4</sup> VENTUROLI, 2016.

mesmo e são um dos corpos primários e indivisíveis e capaz de imprimir movimento devido à pequenez das suas partículas e à sua Figura”. Em relação a essa última – a Figura – diz Demócrito: “que a de maior mobilidade é a esférica, e que essa é a forma quer do entendimento, quer do fogo” (ARISTÓTELES, 2010, p. 40). De fato, não é preciso refletir muito sobre a constituição esférica e seus simbolismos, os quais retratam uma profundidade da sua existência pela sua própria forma, que enseja a imaginação por todos os espaços do universo. Aristóteles comenta também sobre Anaxágoras o qual “parece dizer que a alma e o entendimento são coisas diferentes (...). Mas ele usa ambos, na verdade, como ‘se fossem’ uma única natureza, ainda que coloque especificamente o entendimento como princípio de todas as coisas” (ARISTÓTELES, 2010, p. 40). Diz, ainda, com base em Anaxágoras que

(...) de qualquer modo, que o entendimento é, de entre os entes, o único simples, sem mistura e puro; atribui, todavia, ao mesmo princípio ambas as características, o conhecer e o mover, ao dizer que o entendimento pôs o todo em movimento” (ARISTÓTELES, 2010, p. 40).

Esse posicionamento sobre o entendimento, como um fator distinto da alma e responsável pelas ações descritas por Anaxágoras, é algo muito próprio do filósofo. Aristóteles também comenta sobre Tales, dizendo que ele parece ter observado, do mesmo modo, “a alma como algo capaz de mover – a avaliar pelo que se recorda das suas perspectivas –, se de fato afirmou que o ímã possui alma por mover o ferro (ARISTÓTELES, 2010, p. 40).” Ora, essa é uma dedução lógica, mesmo com toda sua simplicidade, mas que por si só não carrega fundamentos totalmente convincentes.

Já Diógenes, observou Aristóteles (2010, p. 40), dizendo: “como outros, afirmou que a alma é ar, por acreditar que o ar é, de todos os elementos, o mais sutil, e por ser também princípio”.

Outrossim, há uma característica dedutiva lógica, mas até que ponto o ar é um princípio? Aristóteles (2010, p. 40) complementa relatando a conclusão de Diógenes, que diz: “Por isso a alma conhece e move: conhece, enquanto elemento primordial e de que tudo o resto deriva; e é capaz de mover por ser o mais sutil”. Heraclito, por sua vez, conta Aristóteles (2010, p. 40), “disse que o princípio é alma, por ser a exalação de que se compõe tudo o resto” Esta definição de Heraclito parece se fundir com o pensamento de muitos outros filósofos, se não diretamente, de forma indireta, até porque, por si só, aparenta consistência lógica. O filósofo, através de Aristóteles (2010, p. 40), ainda complementa dizendo: “além disso, que se trata do elemento mais incorpóreo e que flui perpetuamente; mais, que apenas por aquilo que se move é conhecido

aquilo que se move”. A óbvia afirmativa de sua natureza incorpórea ganha exponencial pelo caráter de perpetuidade, além da característica de mobilidade plena.

Finalizando a pesquisa, Aristóteles (2010, p. 40-41) encontra Alcméon, o qual “parece ter sustentado, no que toca à alma, perspectivas semelhantes às dos referidos ‘pensadores’: a alma é imortal, afirmou, por se assemelhar aos seres imortais”. Como se percebe, essa característica da imortalidade é outro elemento que está se repetindo nas definições dos mais diversos filósofos pesquisados. Se refere, ainda, ao fato de que “essa característica lhe pertence por estar sempre em movimento, pois movem-se também todas as coisas divinas continuamente e sempre (a lua, o sol, os astros e o firmamento inteiro)” (ARISTÓTELES, 2010, p. 41). Finalmente, Aristóteles conclui a pesquisa trazendo “dois pensadores mais superficiais” como ele se refere a Hípon e Crítias. Hípon afirmou que a alma é água e teria sido persuadido disso em face de o sémen de todos os animais ser húmido. Outrossim, contesta quem liga a alma com o sangue, argumentando que o sémen, o qual seria a alma primária, não é sangue. Crítias e outros teriam distinguido “a alma com o sangue, defendendo que o perceber é a coisa mais característica da alma, e que isso lhe pertence pela natureza do sangue” (ARISTÓTELES, 2010, p. 41). Ao final, Aristóteles (2010, p. 41) percebeu que “todos os elementos receberam, pois, um defensor, excepto a terra, a favor da qual ninguém se pronunciou, a não ser quem tenha dito que a alma é composta de todos os elementos, ou que ela se identifica com todos eles”.

Assim, após a pesquisa, Aristóteles relata suas conclusões:

Ora todos definem a alma, por assim dizer, mediante três características: movimento, percepção sensorial e incorporeidade. E cada uma destas características é reconduzida aos princípios. Por isso, os que a definem pelo facto de conhecer fazem dela um elemento ou algo derivado dos elementos. As suas perspectivas são, de uma forma geral, concordantes, excepto uma: o semelhante é conhecido pelo semelhante, dizem; e, uma vez que a alma conhece todas as coisas, consideram-na composta de todos os princípios. Assim, quantos dizem que existe uma única causa e um único elemento também estabelecem que a alma é esse único elemento, por exemplo, o fogo ou o ar; ao invés, os que dizem que os princípios são múltiplos tornam também a alma múltipla. Apenas Anaxágoras disse que o entendimento é impassível e que nada tem em comum com qualquer outra coisa. Mas, sendo esta a sua natureza, como e porque é que ele conhece, nem Anaxágoras explicou, nem conseguimos esclarecê-lo a partir das suas afirmações. Mais, todos os que consideram entre os princípios os pares de contrários compõem também a alma de contrários; já os que elegem um dos contrários (por exemplo quente ou frio, ou um outro deste tipo) sustentam, similarmente, que a alma é um deles. Por isso também se guiam pelos nomes, uns dizendo que a alma é o quente, pois por causa disso, ‘isto é, de ferver’ se usa a palavra ‘viver’; outros dizem que a alma é o frio, pois a chama-se assim por causa ‘de arrefecer’, isto é, da respiração e do arrefecimento que dela resulta. São estas as perspectivas

que nos foram transmitidas a respeito da alma e as razões pelas quais foram expressadas dessa maneira. (ARISTÓTELES, 2010, p. 41-42).

A constatação mais interessante a que Aristóteles chegou foi a identificação de três características comuns entre todos os depoimentos obtidos, que foram: o movimento, a percepção sensorial e a incorporeidade.

Além de outras considerações, na análise do filósofo sobre sua investigação, evidenciou-se uma ampla convicção da existência e da presença do espírito – ou alma – nas pessoas de uma forma geral e em outros casos se considerando a mesma hipótese para outros animais.

Aristóteles fez, ainda, um comentário sobre o posicionamento de Empédocles:

O resultado, para Empédocles, é que o seu deus é o mais ignorante dos seres: será ele, assim, o único a desconhecer um dos elementos, o ódio, enquanto os mortais, compostos de todos os elementos, os conhecerão a todos. E, de uma forma geral, porque é que nem todos os entes possuem alma, quando tudo ‘o que existe’ é um elemento ou é composto de um ou vários elementos, ou de todos? Por isso ‘cada coisa’ tem necessariamente de conhecer um, vários ou todos. Poder-se-ia perguntar, também, o que é que os unifica: os elementos assemelham-se à matéria, portanto o mais importante é aquilo que os unifica, seja isso o que for. Mas é impossível que exista algo mais poderoso do que a alma e que a domine, e ainda mais impossível no caso do entendimento. Este é, com boa razão, primordial e dominante por natureza, embora ‘alguns pensadores’ declarem que os elementos são, de entre os entes, os primordiais. (ARISTÓTELES, 2010, p. 55).

O posicionamento de Empédocles, comentado por Aristóteles, a respeito do seu deus ser o mais ignorante dos seres, vai exatamente ao encontro dos questionamentos que são feitos sobre a existência de um deus todo-poderoso, mas que ao mesmo tempo é feito de compaixão, amor e perdão. Algumas religiões orientam para a prática do perdão – o que não deixa de ser uma prática sadia e inteligente –, dizem que Deus perdoa tudo, basta o arrependimento e a fé em deus, mas esse mesmo deus não perdoa o pecado original, obrigando o ser humano a nascer no pecado e sofrer uma vida inteira. Observe-se que não se trata de discutir a existência ou não de deus e, sim, de pontuar uma discussão filosófica, precisamente no instante em que Empédocles afirma textualmente que seu deus é o mais ignorante dos seres. Também, por outro lado, não é o caso de se estar concordando com a opinião do filósofo, apenas se está trazendo e apresentando, nesta pesquisa, um dos pontos que parece ser um dos mais paradoxais em relação a deus e que contribui para o debate sobre a espiritualidade.

Quanto ao seu posicionamento de que “cada coisa” deve conhecer um, vários ou todos e que o mais importante é aquilo que unifica, parece que faz muito sentido para esta pesquisa,



pois a interconexão de tudo com o todo aparenta muito razoável. Tanto Figura-se coerente, porque isso explicaria muitas coisas, inclusive quantos aos fenômenos de clarividência relativos a acontecimentos, condições, atos, situações, estados etc., ainda não vivenciados – a precognição – sobre a qual esta pesquisa se reportará mais adiante, ainda neste ponto sobre a espiritualidade.

Por fim, Empédocles apresenta sua ideia de que não há nada mais poderoso do que a alma e, o mais importante sob a ótica desta pesquisa, que a domine. Logo, o filósofo decretou a inexistência de deus, poderia ser uma das primeiras conclusões. Porém, isso está muito longe de se esgotar, pois, por exemplo, pode-se conceber que a própria alma, ou espírito, é deus, vivendo uma experiência da separatividade, em que essa condição seria uma ilusão, talvez escolhida pelo próprio deus, com o intuito de se aperfeiçoar. A propósito, exatamente essa hipótese tem muitos defensores, especialmente no oriente, o que demonstra que as possibilidades são múltiplas, senão infinitas.

Aristóteles por fim, referindo-se a partes da alma, elaborou o seguinte pensamento:

As plantas e, de entre os animais, alguns insectos vivem manifestamente mesmo depois de seccionados, como se cada secção possuísse a mesma alma em espécie, ainda que não em número. É que cada uma das partes possui, durante certo tempo, sensibilidade e desloca-se. E que tal não persista não é nada de absurdo, pois não possuem os órgãos necessários para preservarem a sua natureza. Ainda assim, não menos em cada uma das partes estão presentes todas as partes da alma, e cada uma delas é da mesma espécie que as outras e que a alma no seu todo, como se as diferentes partes da alma não fossem separáveis umas das outras, sendo embora a alma no seu todo divisível. O princípio existente nas plantas, além disso, parece ser algum tipo de alma. Este é, com efeito, o único princípio comum a animais e plantas. Mais, este princípio existe separado do princípio perceptivo, embora nenhum ente possua sensibilidade sem o possuir. (ARISTÓTELES, 2010, p. 58).

Esta manifestação de Aristóteles, quer seja em relação aos animais, insetos, quer seja em relação as plantas, é um forte testemunho de que a vida, em seus princípios mais elementares e virtuosos, estão muito além daqueles vivenciados pelo ser humano, dado a forma como as pessoas se comportam em relação a todos eles, demonstrando uma certa prepotência, totalmente incoerente com a dimensão e o significado da vida e de seus componentes. Ora, se todos eles possuem alma, e lembrando como se referiu Empédocles – “mas é impossível que exista algo mais poderoso do que a alma e que a domine, e ainda mais impossível no caso do entendimento” – o ser humano está cercado de seres com potencialidades equivalentes, com o diferencial de ser o único entre todos os demais seres, animais e vegetais – que não respeita o próximo e até

mata por esporte. Então, vale lembrar, também, o que o mesmo Empédocles complementou de que “este é, com boa razão, primordial e dominante por natureza, embora ‘alguns pensadores’ declarem que os elementos são, de entre os entes, os primordiais.”

Enfim, deixando polêmicas à parte, o que de fato interessa para esta pesquisa é exatamente esses aspectos virtuosos que elevam o ser para patamares de comportamento superiores, requintados e estabelecendo uma relação íntegra, distinta e honrada do ser humano com toda ecologia da vida.

Bartoli (2007, p. 74) lembra que “para os gregos, espiritualidade referia-se a uma experiência contemplativa pela qual se alcançava o conhecimento verdadeiro das coisas”.<sup>5</sup> Bartoli (2007, p. 78) observa, também, que “os gregos apontam para a unidade da pessoa: nada de espiritualismo desencarnado, mas também nada de materialismo”, fatos que se procedem essas interpretações sobre estes, dá-lhes uma característica de objetividade ou praticidade na conceituação da espiritualidade. Eles estariam encaminhando a questão como um todo, tanto da espiritualidade como da materialidade para um campo energético, logo de acordo com o que a própria física, na contemporaneidade, aceita com muita naturalidade.

O estudioso diz ainda que “a espiritualidade é um caminho para quem não para no mundo das aparências e não se contenta com devaneios místicos cuja proveniência patológica ou manipuladora pode manifestar-se com uma certa obviedade” (BARTOLI, 2007, p. 77). Nesse sentido, o autor dá pistas que o assunto merece ser investigado em profundidade para que se encontrem bases que possam delinear mais claramente a questão, pois existem elementos que fornecem a motivação para essa busca.

Descartes (1996, p. 352) afirma que “tudo o que pode pensar é espírito, ou se chama espírito. Mas como o corpo e o espírito são realmente distintos, nenhum corpo é espírito. Logo nenhum corpo pode pensar”. Dessa forma, nossa constituição se divide em corpo e espírito, de modo bem distinto, o que leva esta pesquisa a deduzir que na concepção do autor o espírito é a nossa própria consciência. Como se percebe, é um entendimento com significados profundos, o qual poderia alterar toda visão de mundo que a própria humanidade detém, se as pessoas aceitassem isso como verdadeiro. Não o fazem, não por ceticismo, mas porque uma boa parte relega essas questões do espírito às religiões e outras práticas místicas. Talvez, se na academia, se investisse mais nesse assunto, a humanidade absorvesse de modo mais prático, normal e real essas coisas que envolvem a espiritualidade. Essa ótica imposta por Descartes é tão fascinante que mereceria um projeto específico, fato que este pesquisador não descarta.

---

<sup>5</sup> BARTOLI, 2007.

A partir do pensamento de Descartes, pode-se observar uma dicotomia entre o corpo e o espírito, afastando a espiritualidade de processos em relação ao ser humano, dentre os quais, o processo educativo.

Mas muitas outras opiniões que se trará para este ambiente de análise, como a de Dalai-Lama que define da seguinte forma:

Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. (LAMA, 2015 apud BOFF, 2001, p. 21).

Esta ótica sobre a espiritualidade que Dalai Lama expressa é bastante virtuosa e envolve todos os bons sentimentos. Porém, o autor a remete para um campo específico, isolando-a de todos os aspectos perniciosos que existem na vida. Sendo assim, quem produziria todas essas questões ligadas ao vício, a maldade, egoísmo, hipocrisias e afins?

Dalai Lama, respondendo à pergunta se a palavra espiritualidade está na moda e o que é para si a espiritualidade, se pronunciou desse modo:

A espiritualidade é a mais elementar de todas as fontes primordiais da humanidade. Quando decidirmos cultivar os valores internos que todos nós apreciamos nos outros, então começamos a viver espiritualmente. Devemos criar uma base ética e cultivar os nossos valores internos, de modo a que eles se adaptem aos nossos tempos científicos, mas, ao mesmo tempo, não devemos negligenciar as necessidades mais profundas do espírito humano. Naturalmente, todas as religiões podem prestar uma valiosa contribuição para esta ética secular holística. Estou convencido de que as pessoas podem viver sem religião, mas não podem viver sem valores internos, sem ética. A diferença entre a ética e a religião é semelhante à diferença entre a água e o chá. A ética e os valores internos, baseados num contexto religioso, são mais como chá. O chá que bebemos consiste em grande parte em água, mas também contém outros ingredientes, tais como folhas de chá, especiarias, talvez um pouco de açúcar e, pelo menos no Tibete, até mesmo uma pitada de sal, e isso torna-o mais saboroso e nutritivo e é algo que queremos tomar todos os dias. Mas independentemente de como o chá é preparado: O seu ingrediente principal é sempre a água. Podemos viver sem chá, mas não sem água. De igual modo, nascemos sem religião, mas não sem a necessidade básica de compaixão e também não sem água. (LAMA, 2015, p. 10-11).

A primeira frase da citação já bastaria para dar uma noção exata do pensamento dessa autoridade mundial sobre o assunto. Porém, todo o complemento dá uma fundamentação, que interessa a esta pesquisa, além de lhe entregar contornos de graciosidade e de verdades, a qual também poderia ficar resumida, agora pela última frase.

Seguindo na busca proposta por esta pesquisa, encontra-se Schopenhauer, o qual sentencia de modo incisivo que “nosso espírito é um ser de natureza totalmente indestrutível: ele faz efeito continuamente de eternidade a eternidade. É comparável ao sol, que parece se pôr apenas aos nossos olhos terrenos, mas que em realidade nunca se põe, brilhando incessantemente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 364). Pela exposição do autor, há deveras semelhança como que definiu Descartes em sua última citação, logo acima. Não repete textualmente nada do que Descartes citou, porém, há uma profunda compatibilidade conceitual.

Chopra e Mlodinow, na sua obra “Ciência x Espiritualidade”, trazem uma consideração, que por sua vez, também sintonizam com o pensamento de Descartes, ao definir que “quando atribuímos harmonia e lógica à fábrica do cosmo, fica muito mais difícil excluir a consciência. A espiritualidade dá o passo lógico seguinte: tudo que vivenciamos acontece na consciência; portanto, não existe uma realidade “lá fora”, divorciada da consciência. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 47)”.

E oferecem, ainda, uma ótica em que a espiritualidade teria para oferecer o que a ciência não pode esclarecer.

A ciência pôs a humanidade no caminho da descoberta dos segredos da natureza, de dominar suas forças e desenvolver novas tecnologias usando a razão e a observação – em lugar de uma trajetória emocional – como ferramentas para revelar a verdade das coisas. A espiritualidade se orienta para uma região invisível e transcendente, interna ao indivíduo. A ciência estuda o mundo tal como ele se oferece aos nossos cinco sentidos e ao cérebro, enquanto a espiritualidade considera que o Universo tem um projeto e é dotado de significado próprio. Na visão de Deepak, o grande desafio da espiritualidade é oferecer algo que a ciência não pode dar – em especial, respostas que estão no domínio da consciência. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 9).

Obviamente há uma nítida e aparente distinção entre ciência e espiritualidade, como o autor explica. O espaço da ciência é conhecido, mas o da espiritualidade não tanto assim, especialmente por ela ser envolvida por tantos outros elementos que compõem a vida, fato que dificulta o seu isolamento para uma investigação adequada. Entretanto, buscar-se-á, nesta pesquisa, este isolamento, na medida que isso for possível. Já que se destacou o aspecto da distinção entre ciência e espiritualidade, crê-se oportuna que também se faça essa mesma diferenciação em relação a todos os demais elementos que compõem a vida com a espiritualidade. Dessa forma, esta pesquisa procurará se abster de apresentar conceitos que interligam ou confundem a espiritualidade com outros elementos, especialmente com a religião, pois, objetiva-se, com o isolamento do tema, protegê-lo de eventuais desvirtuamentos

conceituais, sem prejuízo ou qualquer preconceito contra os demais temas, inclusive o da religião. Talvez, a única exceção poderia ser alguma tentativa na direção de uma conceituação próxima a ciência, pelos motivos óbvios de uma pesquisa séria, porém, desde já, parece ser uma possibilidade muito distante. Enfim, pretende-se apenas uma busca pela objetividade, fugindo de situações prolixas e, para com o tema em análise, isto é, por demais pertinente, visto que pela sua caracterização, especialmente no senso comum, sofre infundáveis misturas e confusões, inclusive com o próprio espiritismo. Portanto, dos inúmeros conceitos que existem na literatura do assunto, os quais sofrem por não ser devidamente e compreensivelmente tratados pela ciência, escolher-se-á todos que a pesquisa encontrar, mas que se preservem de qualquer contaminação. Quanto à separação com a religião, em particular, Chopra e Mlodinow fundamentam esse posicionamento da pesquisa ao dizer que:

Se quiser vencer a luta pelo futuro, a espiritualidade, primeiro deve superar uma grande desvantagem. Na imaginação popular, há muito tempo a ciência já desacreditou a religião. Os fatos substituíram a fé. A superstição foi gradualmente vencida. É por isso que a explicação de Darwin sobre a descendência do homem a partir dos primatas inferiores prevalece sobre o Gênesis, e é por isso que vemos o big bang como a origem do cosmo, e não como um mito de criação povoado de um ou mais deuses. Por isso é importante começar dizendo que religião não é o mesmo que espiritualidade – longe disso. Nem Deus é a mesma coisa que espiritualidade. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 13).

Pois é exatamente com esta perspectiva, realçada pelos autores, que se pretende trabalhar, ressaltando, sempre, que isso não tem nenhuma conotação de menosprezo por esses demais aspectos. Trata-se, portanto, de aplicar metodologia filosófica e científica em situações precisas e demarcadas, de forma a não se configurar em prejuízos para a análise.

O fato é que o tema, por si só, já se constitui de uma abrangência possivelmente evidenciada com uma certa consistência nesta pesquisa, pois envolve todo um lado intangível, toda uma dimensão subjetiva e perdendo o caráter palpável e encontra a fragilidade humana quanto a capacidade de sua interpretação, pela sua própria característica de limitação de meios para sua execução elucidativa. Sobre esses aspectos, os mesmos autores entregam para análise algumas considerações envolvendo esse panorama que está sendo traçado. Chopra e Mlodinow dizem que:

(...) na perspectiva espiritual do mundo, existe um todo oculto subjacente a qualquer criação; em última análise, é esse todo invisível que mais importa. A espiritualidade está entre nós há muitos milhares de anos, e seus pesquisadores

foram brilhantes – verdadeiros Einstein da consciência. Qualquer um pode reproduzir e verificar seus resultados, como ocorre com os princípios da ciência. Ainda mais importante, o futuro que essa espiritualidade promete – de sabedoria, liberdade e realização – não desapareceu nas épocas de declínio da fé. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 17).

Chama a atenção, além da afirmativa da existência desse todo invisível a que os autores se referem, a assertiva quanto ao que a espiritualidade oferece em um ponto futuro. De fato, e isso remete para a perspectiva de que o ser humano é constituído em sua essência por energia, e que a matéria é apenas, na melhor das hipóteses, uma consequência dessa mesma energia. Dessa forma, é razoável imaginar uma aproximação, sistemática ou não, em sua direção, à medida que o conhecimento humano se desenvolve e se amplia. Ampliando-se o campo da espiritualidade, pela percepção cada vez mais ampliada, atingir-se-á uma condição libertadora e impulsionadora para novas investigações. São os mesmos Chopra e Mlodinow que corroboram a impressão que se está delineando, quando eles afirmam que:

Nossos cinco sentidos nos estimulam a aceitar que há objetos “lá fora”, rios e florestas, átomos e quarks. No entanto, nas fronteiras da física, onde a natureza fica muito pequena, a matéria se desfaz e desaparece. Aqui, o ato de mensurar muda o que vemos: todos os observadores acabam entrelaçados com o que observam. Trata-se de um Universo já conhecido pela espiritualidade, em que a observação passiva dá lugar à participação ativa, e descobrimos que somos parte da tessitura da criação. O resultado é um poder e uma liberdade enormes. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 18).

Não só é muito interessante, como oportuna a citação dos autores quando se referem às fronteiras da física “onde a natureza fica muito pequena, a matéria se desfaz e desaparece”, porque é precisamente nesse ponto que a física, ou seja, a ciência, encontra-se com a espiritualidade nesse processo de aprofundamento da pesquisa. Os pesquisadores destacam que, a partir daí, é um campo em que a espiritualidade já tem conhecimento, claro que de modo parcial, como tudo que se reveste nessa relação do saber e de tudo que constitui o todo. Seria o encontro da espiritualidade com a ciência? O fato é que a ciência avança em todos os sentidos e, mesmo que em muitos aspectos a ciência não consiga se enquadrar na espiritualidade, isso não significa que em outros particulares não possa haver união e avanços nesse sentido, o que seria extraordinário para a evolução do ser humano. Os estudiosos corroboram nessa visão que se produz pelo processo dedutivo do que aqui se está analisando. E afirmam:

O fato de a religião não ter dado certo não significa que uma nova espiritualidade, baseada na consciência, também não vai dar certo. Nós precisamos enxergar a resposta, e, nesse processo, vamos despertar os poderes profundos que nos foram prometidos milhares de anos atrás. O tempo está esperando. O futuro depende da escolha que fizemos hoje. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 19).

Na verdade, mais do que corroborar a inferência que esta pesquisa está produzindo, os autores, com esta última citação, fazem uma verdadeira conclamação para todos para se unirem nessa busca. Obviamente que este chamamento está muito mais direcionado aos pesquisadores, em particular das áreas da Filosofia e da educação. A conclusão parece ser óbvia, até porque é no campo da Filosofia e das ciências que se tem um vetor alicerçado em fundamentos históricos e metodológicos.

A propósito de lembrar a Filosofia e a ciência como principais responsáveis por essa busca, isso não significa que qualquer outro setor da sociedade esteja impedido de fazê-lo. Todavia, é bom trazer, novamente, os comentários de Chopra e Mlodinow sobre sua obra *Ciência x Espiritualidade*:

O primeiro e maior de todos os mistérios é como o Universo começou. Para a espiritualidade, o tema parece uma causa perdida antes mesmo de a discussão começar. A física moderna assumiu a questão da gênese, e sua resposta – o big bang e tudo o que aconteceu nos 13,7 bilhões de anos seguintes – conseguiu acabar com a credibilidade da Bíblia, do Corão, dos Vedás e de todas as outras versões nativas da criação. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 38).

Aliás, este comentário à conclamação a que foi referido na antepenúltima citação dos autores é bastante especial para a própria física, no sentido de aprofundar esse encontro dela própria com a espiritualidade nas suas fronteiras. Por outro lado, os autores retomam a questão de que a física moderna acabou com as explicações da Bíblia sob o enfoque pontual da gênese. Isso nada tem a ver com acabar com as religiões, pois é apenas uma situação pontual. Todavia, ratifica que as pesquisas devem seguir os caminhos adequados e próprios, sem qualquer influência ou preconceitos, pois se assim o fosse, não seria uma pesquisa verdadeira e pura como todas devam ser. Por isso que a academia é a maior esperança, na medida em que por ela passam a Filosofia e todas as ciências e, com seus processos metodológicos consagrados, sistematizados, é o que se tem de melhor para qualquer tipo de exploração.

Os teóricos supracitados ainda trazem interessantes considerações para esta pesquisa. Eles dizem que “a natureza ainda não comprovada do ‘nada’ é uma abertura para a

espiritualidade”. Salientam ainda que se poderá ter “vislumbres sobre o que existe além do espaço e do tempo” (CHOPRA e MLODINOW, 2012, p. 39-40).

Falar sobre consciência sempre é algo fascinante, especialmente porque é comum o seu sentido se deslocar para o seu aspecto fenomenológico, o que envolve a transcendentalidade e a espiritualidade com a própria consciência em si, como manifestação, e com as atitudes conscientes, no sentido de lucidez.

Seria a consciência o próprio espírito, como Descartes levou essa pesquisa a deduzir? E, para concluir a análise, descrevendo a consciência, não poderia ter um final mais encantador do que a afirmação de que o próprio universo é dotado de consciência, fato que remete o ser humano para uma dimensão que se revela, a cada aprofundamento que se faz, altamente complexa, em que se produz e se cria contextos permanentemente e que conduz a própria vida a destinos inimagináveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse encadeamento complexo de ideias, para se iniciar as considerações finais, insere-se outra citação de Chopra e Mlodinow quando os autores introduzem uma fala de Hawking.

Stephen Hawking declarou publicamente seu apoio à existência de trilhões e mais trilhões de outros Universos (o número exato é um seguido por quinhentos zeros). Nenhum desses Universos alternativos foi visto ou comprovado. Eles atendem à necessidade de haver muitos estepes para jogar fora; pois, se você afirmar, como faz Hawking, que a consciência é o resultado de processos físicos aleatórios, é preciso um bocado de desacertos até que um Universo de sorte – o nosso – receba o grande prêmio. (CHOPRA; MLODINOW, 2012, p. 45).

Pode-se, de certa forma, atribuir uma genialidade ao pensamento de Stephen Hawking. Por isso, considerar em sua afirmativa que existem mais de trilhões de outros universos, mesmo sem a comprovação que os autores expõem, é também incrível. Por outro lado, a crítica de Chopra e Mlodinow à assertiva de Hawking é no mínimo razoável e, possivelmente, por demais coerente com tudo que se tem analisado sobre a espiritualidade, em particular, sobre a consciência. O ceticismo de Hawking é compreensível pelo aprofundamento que ele desenvolveu com a física, sem o correspondente fortalecimento sobre o lado filosófico da questão. Aliás, Hawking, dentre inúmeras críticas que discorre em seu livro *Theory of everything* à Filosofia, cita:



Até agora, a maioria dos cientistas esteve ocupada demais com o desenvolvimento de novas teorias que descrevem o que é o universo, para questionar o porquê. Por outro lado, as pessoas cujo trabalho é perguntar por que - os filósofos - não foram capazes de acompanhar o avanço das teorias científicas. No século XVIII, os filósofos consideravam todo o conhecimento humano, incluindo a ciência, como sendo a sua área. Todos discutiam questões como: Será que o Universo teve um começo? No entanto, nos séculos XIX e XX, a ciência se tornou muito técnica e matemática para os filósofos, bem como para qualquer outra pessoa, exceto para alguns especialistas. Os filósofos reduziram tanto o âmbito de suas investigações que Wittgenstein, o filósofo mais famoso deste século, disse: 'A única tarefa que restou para a Filosofia foi a análise da linguagem'. Que derrocada para a grande tradição da Filosofia de Aristóteles a Kant.<sup>6</sup> (HAWKING, 2011, p. 147).

Além de toda essa postura contrária à Filosofia atual, o autor discorre, em seu livro, outras vezes com esse mesmo posicionamento, demonstrando uma clara e inequívoca discordância e desprezo pela Filosofia. Esta pesquisa não investigou em que condições Wittgenstein fez essa afirmativa, até porque não é exatamente essa perspectiva que importa, sob o ponto de vista do filósofo, mas sobre a postura do cientista – Hawking –, notadamente e explicitamente matando a Filosofia, obviamente, com todo o respeito que sua memória merece, esta pesquisa não encontra nenhum elemento para o defender. Muito pelo contrário, essa crítica faz lembrar o que muitos cientistas e filósofos promoveram em algum momento de suas vidas, produzindo afirmativas fora do seu campo de domínio, completamente equivocadas, tal qual o que Hawking o fez nessa sua obra. Aliás, a postura crítica deve sempre estar presente, em especial ao pesquisador e nenhum autor, famoso ou não, pode ser poupado.

Traz-se o contraditório para a pesquisa, pois, normalmente, não é dessa forma que se apresentam as pesquisas em suas dissertações e teses. Porém, como já foi relatado anteriormente, o propósito deste projeto é não omitir, mas agregar valor ao trabalho desenvolvido, ampliando perspectivas na tentativa de oferecer um contexto mais realístico.

Empédocles quando ele se referiu ao fato de “que o seu deus é o mais ignorante dos seres: será ele, assim, o único a desconhecer um dos elementos, o ódio, enquanto os mortais, compostos de todos os elementos, os conhecerão a todos (GRAY, 2006, p. 187).” As duas questões — a de Gray e a de Empédocles — se fundem no desenvolvimento desta investigação e atingem novamente o enigma dos motivos que levaram a vida a configurar no ser humano dentre vários aspectos, o da dualidade, em que para perceber o bom é preciso suportar o mau, para sentir o bem é necessário experienciar o mal, ou seja, o sofrimento humano. Contrapor

---

<sup>6</sup> Tradução nossa.

essa indagação com argumentos teológicos é muito simples, mas preservadas as delimitações filosóficas e científicas, a resposta parece ser bem difícil de ser elaborada.

Enfim, a espiritualidade envolve todas essas questões da alma, que aqui se assumiu como sinônimo de espírito e que se verificou, nos mais diversos depoimentos que se buscou, tratar-se de uma outra dimensão da vida. Trata-se de algo sutil, mas muito presente. É algo tênue, mas ao mesmo tempo toca a tudo e a todos. É intangível, no entanto da mesma forma como mágica é manifesto, tateável e tangível. É etéreo, mas analogamente é também humano. E este pesquisador é testemunha de tudo isso, pois vivenciou inúmeras situações em que a ciência nem idealiza explicar, nem nos mais profundos devaneios do cientista mais ousado. Da mesma forma, existem infindáveis relatos por toda história da humanidade de situações absolutamente fora do comum, inusitadas ou simplesmente inexplicáveis, que acontecem a todo momento em todos os lugares. Um exemplo foi quando num dia de pânico e muito choro, daquela história contada anteriormente, quando durante um bom tempo, após retornar de Porto Alegre, este pesquisador ficou traumatizado por ter sido esquecido, mesmo que por breves instantes, dentro de uma farmácia, estava em sua casa, em um choro incontido já por vários minutos. Estava na cozinha com seu pai e sua mãe a uma distância de pelo menos cinco metros da janela, quando um pardal veio voando de lado, literalmente, como se um vento forte o tivesse jogado para dentro de casa, sem que tivesse qualquer sopro da natureza, e acabou caindo nas minhas mãos. Todos ficaram impressionados com o acontecimento inusitado, mas o fato é que resolveu instantaneamente a crise de choro. Só se pode afirmar que não há nenhuma explicação plausível para o que aconteceu. Aconteceu, apenas.

Não pode ficar de fora o relato da maior experiência, que somente dentro de um contexto de espiritualidade se pode conceber, que aconteceu com este pesquisador. Lembro desde que eu era muito criança que meu pai sempre falava que não queria completar os cinquenta anos de idade. Isso se repetiu inúmeras vezes e, à medida que fui crescendo, essa afirmativa do meu pai começou a me incomodar, pois quando eu era pequeno, a noção de cinquenta anos de fato já era de um velho. Mas, já com doze anos não me pareceu tanto e quando ele novamente repetiu a frase, pela primeira vez perguntei a ele por que ele não queria completar cinquenta anos. Ele me respondeu que simplesmente era porque não queria ficar velho. Ele me respondeu com tanta naturalidade que acabei assimilando bem a sua ideia. Porém, quando eu já estava com dezenove anos, meu pai estava assando um churrasco em uma churrasqueira improvisada com alguns tijolos. Ele estava agachado cuidando dos espetos de carne e eu atrás dele, quando me dei conta de que era o dia primeiro de maio e no dia cinco meu pai completaria cinquenta anos. Aquilo invadiu até os confins das minhas entranhas, o que me fez sentir muito mal, a ponto de não

poder falar nada. Pensei entrar na casa, mas aí eu me depararia com minha mãe, irmão e cunhada na cozinha. Não podia fazer isso, pois seria difícil passar por eles sem falar. Contornei a casa pelo lado de fora, abri a porta da frente que felizmente estava só encostada e quando estava me movimentado para me sentar no sofá, exatamente na metade do movimento entre estar de pé e sentado, com as mãos nas cabeceiras do sofá, minha cunhada gritou: Carlos! Exatamente naquele instante e rigorosamente naquela posição, eu soube perfeitamente que o meu pai estava morrendo. Não sei o que foi mais incrível entre a percepção antecipada de alguns minutos que algo iria acontecer ou se a lição de que de tanto repetir que não queria completar cinquenta anos, isso efetivamente acabou acontecendo, perfeitamente dentro do tempo em que ele seu deu de vida.

É preciso destacar, não se sabe se é somente pelo lado dramático que essas situações acontecem na vida das pessoas, embora os exemplos atestem esse lado sofrível. Mas, a espiritualidade, de uma forma geral, está presente na vida, e é para todos, e toda essa imensidão energética que envolve tudo e a todos, não pode ser ignorada. Muito pelo contrário, pois existindo todo esse contexto espiritual e com todos os possíveis significados que possam ter para o ser humano, é impossível ignorá-los sem se penalizar, criando-se uma lacuna ou um vazio inconcebível, tornando o ser humano, nessas condições, incompleto.

De fato, o tabu que todos percebem, entre esses aspectos, é um divisor e inibidor do conhecimento, na medida em que as pesquisas direcionadas à espiritualidade sofram limitações pelos preconceitos existentes. Pois, exatamente por esse motivo, o depoimento de Adorno contribui favoravelmente para a quebra de paradigmas contaminados com essa credence, a qual, nefastamente ainda persiste nos meios atuais.

Muito apropriada a citação de Gray (2006, p. 250) no momento em que ele diz que “buscar um sentido para a vida pode ser uma terapia útil, mas não tem nada a ver com a vida do espírito. A vida espiritual não é uma busca por significado, mas um libertar-se dele”. Desse modo, o autor expressa o seu profundo significado dedicado à espiritualidade, trazendo-a para uma dimensão superior ao do próprio significado e ao que isso possa ter ou dar algum sentido.

Diante das abordagens, acredita-se que foram trazidos elementos suficientes para se definir, sob a ótica desta pesquisa, um conceito a respeito da espiritualidade. Admite-se, portanto, que esta tem seu caráter imanente e transcendente e que está inseparavelmente contido na natureza, a qual abarca os conceitos de consciência como manifestação fenomenológica e da alma como sinônimo de espírito, os quais, por sua vez, têm o caráter de atemporalidade e dos princípios mais elementares e importantes do universo.

Portanto, a conclusão mais evidente é de que a espiritualidade se trata, efetivamente de um elemento de inclusão do sujeito e de ser fundamental para se constituir um estado mais consciente.

Por fim, seguindo os nortes da hermenêutica reconstrutiva, a verdade é apenas um momento da pesquisa, a qual se atualiza constantemente através de novas investigações, motivo pelo qual outras e mais recentes explorações tendem a aprofundar e aprimorar o presente estudo.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

BARTOLI, Jean. Espiritualidade e conhecimento. **Especial Espiritualidade e Gestão**, São Paulo, v. 6, n. 6, p.74-79, dez. 2007. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/article/viewFile/34743/33545>.  
Acesso em: 8 abr. 2018.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DESCARTES, R. **Méditations et Principes**. In: Oeuvres de Descartes. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

GRAY, John. **Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HAWKING, Stephen W. *Theory of everything: The origin and fate of the universe*. Kindle Edition: 1.00 (5/3/2011).

LAMA, Dalai. **O apelo de Dalai Lama ao mundo: a ética é mais importante que a religião**. Rio de Janeiro: Benevento, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Edunesp, 2005.

CHOPRA, Deepak; MLODINOW, Leonard. **Ciência x espiritualidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

TREVISAN, Amarildo; DEVECHI, Catia Piccolo Viero. Abordagens na formação de professores: uma reconstrução aproximativa do campo conceitual. **Rev. Bras. Educ.**, v.16, n. 47, p. 409-426, 2011.